



2016

2017

2018

2019

2020

2021

2022



---

AGRADECIMENTOS

---

Chegamos ao segundo número da Re-vista de Humanidades.

Anuncia-se o ano novo! Aproveitemos esta pausa na percepção da dinâmica do tempo para elegermos e colocarmos em prática as ideias que promovam o bem comum e resgate nossa própria humanidade.

Esta revista é concebida com o intuito de colocar esse desejo em movimento e, como propõe o seu nome, convocar nosso olhar em direção a humanidade para que possamos ver e decidir — mudando ou insistindo — a posição que ocupamos e ocuparemos nela.

É um lugar para o respeito, não aquele conservador, ao contrário: para o respeito à diversidade, aquele que se forja no reconhecimento da insondável dimensão do outro e barra todo tipo de fascismo. É uma miscelânia de arte, literatura e ciência, que se atualizará trimestralmente para além dos muros das universidades. Oxalá!!!

Publique seu texto conosco.



---

AGRADECIMENTOS MAIS QUE ESPECIAIS

---

Agradeço especialmente:

aos autores deste segundo número pela aposta no projeto;  
a João Peçanha pelas muitas aulas sobre muitas coisas: Língua Portuguesa, edição de texto, tecnologia etc;  
a Luiza Gravina pela dedicação na construção do site, do Instagram etc;  
a Adriana Florêncio e Fabiana Dacache por serem as primeiras a apostar na Escola de Humanidades de Niterói;  
a Thiago Diniz pela generosidade em compartilhar seu conhecimento tecnológico;  
a Eucílio Silva — Cici —, companheiro querido, pelo apoio de sempre;  
a Gustavo Duarte pela logo da revista.



[Conheça o trabalho dele clicando aqui](#)

---

FICHA CATALOGRÁFICA

---

Re-vista de Humanidades  
Escola de Humanidades de Niterói.  
n.1, set./nov. 2021  
Niterói - Editora Rehum, 2021  
n.2, dez.2021./fev. 2022  
Trimestral  
e-ISSN -

1.Humanidades.I.Título

---

Antonio C. B. Campos  
Editora Rehum



### A saga do Mandacaru

Enquanto a anos o Mandacaru fulora na serra.  
Aqui na minha terra, mandacaru fulora frente o mar.

Quando me sento para lembrar da areia fina branca  
e quente  
E ouço um repente que põe a lembrar.

A flor-amarela ou rosada, que simboliza o sol e a  
pele queimada  
Daquele poeta que um dia por lá passou.

Terra rachada, seca a vermelhada, tal qual fulô.  
Poeta de alma rasgada, pela seca e pela dor.

Mesmo em meio tanta de vastidão e pé no chão  
Ainda cantou.  
Mandacaru quando fulora na serraaaa....



<https://www.artmajeur.com/pt/marianepires/artworks/1899641/mandacaru-em-flor>

Suor escorreu na testa e ele lembrou da linda  
morena  
Que um dia beijou!

O mandacaru a flor danada em meio espinho que  
lhe inspirou  
E a bela morena que ele um dia beijou.

Carrega no coração intê hoje esse amor.  
Fez toda terra cantar  
A menina que suspirou, sonhou e quase morre de  
tanto amor.

Plantou rente a janela aquela linda fulô  
Pensando em seu amado, que partiu di pé em solo  
rachado.

Caboco sonhador!  
Foi caminhar pelo mundo com sua viola, cantando  
seu amor.

E ela menina com todo cuidado do Mandacaru  
cuidou.

Segue sonhando com mente avuando feito passu  
cantador.

Quando sol chega ou se vai lá tá ela na janela, do  
lado da fulô.

Ao primeiro tilintar do triângulo, o ronco do fole da  
sanfona e a batida da zabumba que bate tal quar  
seu coração.

A menina volta no tempo bailando ao som do Baião  
Dança o xote olhando na serra aquele que impera  
lá impera.  
Simbolo do sertão!



Mandacaru que sua flor dura apenas uma noite e eu brejeira rodopio dançando prá meu zamor.

Ainda carrego na lembrança, meu pueta cantador.

Que fez pai correr pa seu dotô, achando que euzinha tavu duente de amor  
Tava não, ainda tô!

Pois, meu pueta partiu, deu vorta ao mundo e nunca mais vortou.

Hoje na minha casinha ainda guardo esse amor  
Sigo intê hoje cuidando do símbolo sagrado.

Do meu sertão que dá fulô  
Mandacaru que da serra desceu  
E ao mar chegou  
Assim como meu zamor .

Ele mandacaru corre mundo ainda dando fulô.  
E eu mesmo com tempo girando.

Guardo no peito esse tamanho de amor.



Katia Teixeira

Poetisa

